

2. Trauma e suas consequências

“Num quarto onde existe uma única vela, a mão colocada perto da fonte de luminosa pode obscurecer a metade do quarto. O mesmo ocorre com a criança se, no começo de sua vida, lhe for infligido um dano, ainda que mínimo: isso pode projetar uma sombra sobre toda a sua vida.”

(Ferenczi, 1927, p. 5)

Quando se pensa em um ambiente como as favelas do Rio de Janeiro, nossa atenção se volta imediatamente ao potencial traumatizante que o mesmo possui. Violência, medo, terror, são palavras inteiramente inseridas neste contexto. Nas favelas, há a presença do tráfico de drogas, a condição financeira da população não é adequada e as ações de saúde e educação são precárias. Dentro deste cenário, há uma infância que vive, presencia e que é exposta a toda esta realidade. Diante disto e com o objetivo de investigar os efeitos deste “mundo” da favela sobre a constituição do sujeito, o trauma é um dos pontos mais importantes e necessários a se analisar.

O conceito de trauma nos ajuda a pensar nas consequências tanto de uma “violência manifesta”¹ quanto nas que estão relacionadas a uma violência psíquica. A investigação feita pela psicanálise sobre a questão do trauma recai sobre seu potencial estruturante e desestruturante na constituição psíquica do indivíduo, suas rupturas e continuidades. A noção de trauma como mobilização psíquica, excesso no aparelho psíquico, é problematizada buscando compreender seus efeitos no desenvolvimento psíquico do indivíduo.

Foi assim que Freud, ao longo de sua obra, pensou, revisou e elaborou duas teorias sobre o conceito de trauma. A primeira teoria foi elaborada entre 1890 e 1897. Neste momento, o trauma é concebido por Freud como sendo decorrente de um evento pontual, uma situação real que possui seu potencial traumatizante. Neste período, Freud, juntamente com Breuer, está envolvido nos estudos sobre a histeria e seus sintomas e concebe o trauma como um corpo estranho que se aloja no psiquismo do sujeito, desestabilizando sua economia psíquica.

¹ Artigo *Trauma e violência pulsional: a adolescência como situação-limite* de Camila Padrão, Elisa Mayerhoffer, Paula M. Silva e Marta Rezende, 2006.

Atendendo muitos casos de histeria, Freud nota a frequência com que situações relacionadas a uma questão sexual, a possíveis abusos ocorridos na infância, são relatadas. Desta forma, em *Estudos sobre a histeria* (1893), Freud relaciona o sintoma histérico ao trauma sexual infantil. A partir disso, é desenvolvida a teoria da sedução que vai tratar o traumático vivenciado em dois tempos: de ordem sexual e externa. Na teoria da sedução freudiana há um outro, um evento externo de cunho sexual, que incide sobre sujeito.

Ao mesmo tempo, Freud considera que não são as próprias experiências que atuam traumáticamente, mas sua recordação através das vivências da puberdade, é nela que se encontra o potencial patogênico. A experiência sexual vivida na infância não desperta uma forte excitação devido à imaturidade do indivíduo; por outro lado, a recordação durante a vida adulta gera uma excitação superior a própria experiência. As vivências futuras conduzem o sujeito a entrar em contato com afetos dolorosos e à repressão dos mesmos, o que proporcionaria o efeito traumático. Freud nos apresenta com isso, a etiologia da histeria, uma experiência passiva de sedução na infância, cuja recordação se torna patogênica através da repressão na puberdade. Diante deste processo, o sintoma histérico é um mecanismo de defesa utilizado pelo ego na tentativa de reprimir uma ideia intolerável causadora de desprazer.

Como vimos, o indivíduo vive passivamente a situação traumática e os efeitos do trauma serão sentidos *a posteriori* com o investimento psíquico da rememoração do trauma. Sendo assim, levando em consideração que o traumático está no *a posteriori*, que é na rememoração do evento que o potencial traumático se encontra, Freud pôde notar que:

“... o trauma, a despeito de sua origem externa e de sua falta de medida comum com o desejo, só produz seus efeitos através das funções de memória e de investimento do aparelho psíquico, o que obriga a conclusão de que o trauma propriamente dito é produzido pelo próprio aparelho psíquico.”

(Souza, 2003, pp. 117-118)

De acordo com Marisa Maia, 2003, com um olhar que começa a se voltar para as funções do aparelho psíquico, Freud repensa sua teoria do trauma, o material psíquico que se constituía como traumático é percebido agora como representações inconscientes recalçadas. Freud abre espaço para uma noção que

leva em consideração a sexualidade infantil e suas fantasias, as situações relatadas por suas pacientes deixam de ser consideradas como acontecimentos reais e são vistos agora como desejos inconscientes. A realidade psíquica passa a ter grande importância e é adotada uma concepção intrapsíquica da subjetividade. Sendo assim, o conceito de trauma é pensado como tendo sua origem a partir de fontes pulsionais e não mais como apenas uma consequência de um evento real. Diante disso, passa a se valorizar a ideia de conflito psíquico como estando na gênese de qualquer psicose.

A segunda teoria do trauma surge junto com a teorização do segundo modelo pulsional. A partir da incidência das neuroses traumáticas, nas quais a compulsão à repetição surge como elemento fundamental, Freud se vê obrigado a repensar sua teoria, que até então considerava o aparelho psíquico como sendo governado pelo princípio prazer/desprazer. Intrigado com os sonhos traumáticos, a neurose de destino e a repetição na transferência, Freud já não consegue mais explicar todas essas questões a partir do princípio de prazer e introduz, em *Além do princípio de prazer* (1920), o conceito de pulsão de morte.

Diante da realidade sintomática dos sobreviventes da guerra, Freud, quando distingue as neuroses comuns e as neuroses de guerra, pontua que na segunda o conflito não é apenas entre o eu e as exigências pulsionais, trata-se de um conflito entre um eu que tinha por objetivo dar conta de suas pulsões e um outro que necessitava se desenvolver para proteger-se da violência da guerra. A neurose traumática, ou de guerra, se constitui como uma forma de proteção narcísica, um recurso defensivo utilizado pelo sujeito. Na verdade, tanto na neurose comum quanto na de guerra, o eu precisa dar conta de manter sua integridade. (Maia, 2003)

De acordo com Maia, neste segundo momento da teoria do trauma, Freud mantém na base do evento traumático a dimensão econômica do psiquismo. A noção de trauma envolve um transbordamento de excitações no aparelho psíquico, excitações essas que rompem o escudo protetor do psiquismo. Esse escudo protetor possui uma quantidade de energia interna que é reservada para lidar, através da ligação, com essa excitação que invade o psiquismo. O traumático se instaura quando o nível de excitação externa é superior ao nível de energia disponível para a proteção do psiquismo. É importante ressaltar que quando

tratamos de excitações que excedem a capacidade de suportabilidade do indivíduo não excluimos os estímulos internos, intensidades pulsionais, que perturbam a estabilidade psíquica. Sobre isso, Freud aponta duas consequências; o princípio prazer/desprazer irá reconhecer o que ocorre dentro do psiquismo e se sobrepõe aos estímulos externos, se estes estímulos se apresentarem produzindo um desprezo excessivo, o aparelho psíquico vai lidar com eles como se fossem externos, irá projetá-los para fora com a intenção de possibilitar a ação do escudo protetor.

Como vimos, o trauma não se restringe ao que vem de fora e invade o psiquismo, o traumático diz respeito também ao excesso pulsional, excesso este que, como foi dito, possui características de exterioridade para que o psiquismo possa se defender. Diante de tudo isto, podemos afirmar que o trauma está relacionado à capacidade do ego de lidar com esse excesso, dependendo da intensidade, não há recursos para dar conta do ocorrido e o trauma se configura como violência psíquica.

Neste momento, o traumático passa a ser conceituado como estando veiculado aos aspectos disruptivos da vida pulsional é concebido como o que não possui ligação, que não possui registro simbólico, ao excesso que por sua intensidade não é passível de assimilação, não pode ser integrado ou simbolizado pelo ego.

O fator surpresa, o choque, do excesso de estímulos impossibilita que o psiquismo se prepare e atue com o objetivo de se defender, o que fará com que o trauma se instaure. No entanto, o aparelho psíquico possui recursos para se colocar alerta e não ser pego desprevenido por essa invasão, esse recurso utilizado é a angústia, que tem como função alertar o psiquismo para que ele assim possa se defender e não permitir o estabelecimento do trauma.

A angústia é, em todos os momentos da obra freudiana, conceituada como um estado afetivo decorrente de um aumento de excitação. No entanto, ao longo do tempo sua teorização sofreu modificações. Segundo Octavio Souza (2003) primeiramente, a angústia era pensada como o produto do recalçamento da libido, excesso de energia libidinal decorrente de um trauma sexual ocorrido na infância que era recalçado. Com o amadurecimento e com as novas descobertas de Freud, a angústia passa a ser conceituada como um sinal que desencadeia o recalque da

libido, uma angústia sinal que visa preparar o eu para lidar com uma possível ameaça de perigo, que evita o traumático por permitir o acionamento das defesas.

É por medo do perigo que atinge sua integridade que se recalca. “A pulsão desencadeia a ameaça de castração, a qual, por sua vez, desencadeia a angústia como sinal, o qual por sua vez desencadeia o recalque da pulsão.” (Souza, 2003, p. 120). Segundo Maia, a angústia como sinal só é possível com um trabalho do ego que pela ligação transforma a ameaça de castração em sinal. Neste momento, o ego não é apenas a sede da angústia, mas seu produtor.

Há também outro tipo de angústia teorizada por Freud, a angústia automática, que se apresenta em oposição à angústia sinal, e que ocorre quando em uma situação traumática as excitações externas e internas surgem sem possibilidade de dominação. A angústia automática diz respeito àquilo que surpreende, que choca, que não possibilita a preparação egóica. Este tipo de angústia é tido como consequência direta dos eventos traumáticos que não foram mediados pela função de pensamento do ego.

De acordo com Maia (2003), essa segunda teorização da angústia é possibilitada pela construção da segunda tópica, pela elaboração das instâncias psíquicas, ego, id e superego. A partir disso, Freud pensa na angústia que vai ser experimentada pelo sujeito ao longo de sua vida como protótipo do afeto vivenciado no momento do nascimento. A experiência dolorosa de separação do corpo da mãe será a primeira vivência do afeto de angústia. O nascimento como primeira experiência de ameaça a integridade do sujeito vai ser registrada no psiquismo como uma marca mnêmica e sempre se atualizará quando o indivíduo for afetado por uma vivência traumática. A incidência das experiências externas e dos estímulos internos sob o psiquismo fará com que o sujeito sempre reviva essa primeira angústia e que se encontre tentado lidar constantemente com os processos traumáticos e com a possibilidade de perdas de objeto. Desta forma, compreendemos a angústia como um afeto de base no processo do desenvolvimento psíquico, que ocorre primeiramente de forma automática e depois se repete sempre de maneira preventiva, com o objetivo de evitar o desamparo psíquico.

No entanto, Freud aponta que essa primeira experiência de angústia só poderá se repetir como sinal, na tentativa de evitar o desamparo, quando o bebê

começar a perceber que existe um outro, que aparece para satisfazer suas necessidades e apaziguar seu desprazer e sofrimento. É a partir daí que a angústia vai ser acionada como sinal, para evitar um desequilíbrio na economia psíquica, e não mais de forma automática.

Para concluir, podemos apontar que o afeto de angústia está relacionado ao medo da emergência de uma situação traumática, situação esta que não é submetida ao princípio de prazer e que se constituiu desta forma por não ter podido ser elaborada psiquicamente, por não haver uma maturidade psíquica suficiente para dar conta do evento.

Para que continuemos a pensar a questão do trauma na obra de Freud e na de outros autores, há um ponto que é fundamental ressaltar aqui. De acordo com Marisa Maia (2003), podemos identificar nos escritos de Freud, mais especificamente em *Moises e o monoteísmo* (1939), o trauma em seu potencial estruturante e desestruturante.

Para Freud, os aspectos positivos ou estruturantes do trauma estariam ligados à função que o traumático possui de colocar o psiquismo em atividade. Essa atividade se expressa na capacidade de “insistir na recordação das experiências esquecidas, ou, dito de outra maneira, torná-las reais, promovendo um processo de repetição da vivência original” (Maia, 2003, p. 100), o que envolve um mecanismo de compulsão a repetição. Desta forma podemos apontar que, pensando na clínica psicanalítica, esse efeito positivo torna possível o acesso aos conteúdos traumáticos, a repetição desse material possibilitará o trabalho analítico e a elaboração dos mesmos.

Por outro lado, os efeitos traumáticos em sua dimensão negativa estariam relacionados ao fato de trazerem “uma inibição, não sendo nem recordados, nem repetidos. Sua forma expressiva mais comum seriam as evitações, que trariam como consequência as inibições e fobias.” (Maia, 2003, p. 100). Assim, verificamos que para Freud, a possibilidade estruturante ou desestruturante do trauma depende deste surgir como motor, impulso de trabalho psíquico ou, ao contrário, como inibição de atividade psíquica.

2.1. O trauma e seus efeitos estruturantes

Autores contemporâneos e pós-freudianos nos trouxeram grandes contribuições a respeito do potencial estruturante ou desestruturante do trauma, dentre eles está Sándor Ferenczi. Contemporâneo e discípulo de Freud, o psicanalista, enquanto o conceito de pulsão de morte é criado tentando dar conta dos sintomas das neuroses de guerra, reflete sobre o poder traumatizante que o exterior possui sobre o sujeito e pensa no conceito de trauma como estando diretamente veiculado ao ambiente.

Ferenczi que em muitos momentos questiona certas concepções da metapsicologia freudiana cede um lugar de primazia à relação objetal e a intersubjetividade. Em seu texto *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929), o autor aborda a presença fundamental de um ambiente que cuida nos primeiros estágios da infância para que uma pulsão de vida ganhe força e o bebê consiga resistir às dificuldades da vida.

‘De qualquer modo, no início da vida, intra e extra-uterina, os órgãos e suas funções desenvolvem-se com uma abundância e uma rapidez surpreendentes - mas só em condições particularmente favoráveis de proteção do embrião e da criança. A criança deve ser levada, por um prodigioso dispêndio de amor, de ternura e de cuidados, a perdoar aos pais por terem-na posto no mundo sem lhe perguntar qual era a sua intenção, pois, em caso contrário, as pulsões de destruição logo entram em ação.’

(Ferenczi, 1929, p.50)

Como dissemos, Ferenczi se mostra em desacordo com algumas construções teóricas de Freud. O conceito de pulsão de morte, por exemplo, não é tratado da mesma forma que foi trabalhado pelo psicanalista, ele concebe a pulsão como sendo uma oscilação entre impulsos de vida e de morte (Avello, 2006). A pulsão de morte é substituída por uma visão de deficiência na capacidade de viver.

Para Ferenczi, após o nascimento, o bebê se encontra no ponto zero de sua pulsão de vida e somente a partir de uma “imunização progressiva contra atentados físicos e psíquicos” é que sua “força vital”, sua tendência a ir em direção à vida, e a capacidade de resistir às dificuldades, estariam reforçadas. A capacidade de desfrutar a felicidade só se dá em um ambiente acolhedor, que cuidará do sujeito para que ele consiga chegar à maturidade. Por outro lado, um trauma muito precoce impulsionaria o sujeito a uma vontade de “não-ser”.

“Todos os indícios confirmam que essas crianças registraram bem os sinais conscientes e inconscientes de aversão ou de impaciência da mãe, e que sua vontade de viver viu-se desde então quebrada. Os menores acontecimentos, no decorrer da vida posterior, eram bastante para suscitar nelas a vontade de morrer, mesmo que fosse compensada por uma forte tensão da vontade.”

(Ferenczi, 1929, p.49)

De acordo com a proposição de Ferenczi, verificamos que, primeiramente, é mantida a concepção dualista freudiana, pensando em dois pólos, o da pulsão de fazer-se valer e o da pulsão de conciliação (Avello, 2006). A pulsão de fazer-se valer possui uma tendência egoísta e se sustenta no princípio do prazer. A pulsão de conciliação, por outro lado, possui uma tendência altruísta e se sustenta no princípio de realidade. No entanto, é importante retomar que, para Ferenczi, há uma oscilação recorrente entre as tendências, tendo as duas como objetivo a manutenção da vida. A segunda, por exemplo, altruísta, busca de maneira defensiva a vida no vínculo com o ambiente. Neste sentido, J. Avello aponta que para Ferenczi:

‘a morte é um dano (damage) para o indivíduo, mas não para algum tipo de conservação da vida, da natureza, do cosmos, ou como queira dizer, que transcende ao indivíduo. De tal forma que o que para Freud é pulsão de morte, para Ferenczi é pulsão de vida supraindividual, ecológica, de conciliação. A vida se exerce através de duas vias, uma que se preocupa pelo indivíduo isolado (egoísta) e outra (altruísta) que se preocupa pelo indivíduo como fragmento de um todo.’

(Avello, 2006, p. 93)

Pensando no que mais nos importa neste momento, vemos que Ferenczi conceitua sua teoria pensando sempre em uma organização psíquica onde há somente pulsão de vida e nada mais, não poderíamos tratar como pulsões distintas, mas como variações da pulsão de vida (Avello, 2006).

Na teoria ferencziana, como foi apontado, nos deparamos com a grande importância que o autor dá às relações de objeto, além de uma pulsão que impulsiona em direção à vida (egoísta), temos uma (altruísta) que se configura nos vínculos. É assim, pensando em um sujeito que busca a vida, e em uma relação objetual inerente ao desenvolvimento psíquico, que Ferenczi vai construir seu conceito de trauma.

De acordo com Gaspar, Lorenzutti e Cardoso, no artigo *Trauma e Representação: Estudo de um caso clínico* (2002), Ferenczi, quando teoriza sobre

o trauma, parece utilizar-se das duas teorias freudianas. Ao valorizar o potencial traumático do ambiente, o autor resgata a primeira teoria da sedução, na qual há um adulto que seduz uma criança “inocente”. Por outro lado, veremos que o autor também se utiliza da segunda teoria freudiana sobre o trauma quando aponta o traumático como estando ligado ao irrepresentável, ao excesso, a algo que não pode ser simbolizado.

No entanto, quando Ferenczi retoma a concepção de sedução, vai pensá-la relacionando-a aos afetos envolvidos. O autor concebe o trauma como afetivo, uma falha na relação afetiva, e não como trauma puramente sexual. Para Ferenczi, o trauma não é uma luta estritamente pulsional e não se restringe ao Édipo e a castração, o ambiente, para ele, está envolvido no processo traumático.

Assim como Ferenczi, D. Winnicott e Michael Balint vão priorizar em suas teorias um olhar sobre a relação objetal. Os três autores investigam os efeitos do ambiente na constituição do sujeito e focam suas teorias nas relações interpessoais. Verificamos que nas obras desses três teóricos o conceito de trauma é concebido como tendo, além de um potencial desestruturante, uma função estruturante do psiquismo.

O processo de substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, ou seja, de constituição do eu é tratado por Ferenczi e Winnicott como um processo gradual, que envolve relações intersubjetivas e que exige do sujeito um movimento de adaptação. É durante este processo que encontraremos base para pensar no trauma estruturante do psiquismo.

Para os dois autores, Ferenczi e Winnicott, já há subjetividade na vida intra-uterina e neste momento o feto vive uma experiência de onipotência em seu mais alto grau. Ferenczi, em 1913, no texto *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*, coloca o estado fetal como um estado do desenvolvimento humano que realiza, efetivamente, o ideal de estar submetido unicamente ao prazer.

‘Para o ser nascente mal existe ‘um mundo externo’; todos os seus desejos de proteção, de calor e de alimento estão assegurados pela mãe. Ele não precisa sequer fazer qualquer esforço para apoderar-se dos nutrientes e do oxigênio que lhe são necessários, já que mecanismos apropriados se encarregam de fazer chegar essas substâncias diretamente aos seus vasos sanguíneos. (...) A sobrevivência do feto, pelo contrário, incumbe inteiramente à mãe. Portanto, se o

ser humano tem uma vida psíquica, mesmo inconsciente, no corpo materno (...) ele deve ter, pela própria circunstância de existir, a impressão de que é realmente onipotente.’

(Ferenczi, 1913, p. 42)

O período intra-uterino é o que melhor caracteriza uma vivência de onipotência. O bebê é satisfeito em todos seus desejos, que neste momento são basicamente necessidades físicas ligadas à sua sobrevivência, e tem as intrusões do mundo externo minimizadas por um cuidado excessivo da mãe com seu próprio corpo. Winnicott se mostra de acordo quando no texto *Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade* (1949a) aponta: “o que a mim interessa é precisamente esse tema do feto e da criança que está nascendo, essa criatura inteiramente **narcísica**” (p. 255).

Este estágio de onipotência e de ilusão se mantém após o nascimento. O bebê ainda não possui a capacidade de diferenciação eu e não-eu, o objeto externo é criado por ele e, do ponto de vista do bebê, não há um outro. Neste momento da vida do sujeito, ainda há satisfação quase total das pulsões, o mundo externo, se for “suficientemente bom”, se conseguir se adaptar às necessidades do bebê, é capaz de fornecer-lhe os cuidados necessários. Nesse sentido, o bebê ainda se imagina criador de tudo que há ao seu redor.

No entanto, com a demanda do sujeito se tornando mais elaborada ao longo de seu desenvolvimento, torna-se impossível a satisfação plena. A mãe, ou seu substituto, começa a falhar e frustra seu bebê quando já não é capaz de satisfazer completamente seus desejos e suas necessidades.

“... com o recrudescimento das necessidades tanto em quantidade como em complexidade vão multiplicar-se não só as ‘condições’ a que o indivíduo deverá submeter-se se quiser ver suas necessidades satisfeitas, mas também os casos em que seus desejos, cada vez mais ousados, não se realizarão, mesmo respeitando escrupulosamente as condições outrora eficazes.”

(Ferenczi, 1913, p. 46)

Neste momento, Winnicott nos apresenta a figura da mãe que falha, uma “falha (ativa)” que é necessária para que haja um bom desenvolvimento. É devido às constantes frustrações sofridas pelo indivíduo em seu estágio onipotente que haverá a possibilidade de reconhecimento da realidade e do outro enquanto objeto externo. Neste período, o bebê que vivia em uma dependência absoluta do

ambiente, já se apresenta em uma dependência relativa, não depende incondicionalmente da mãe ou de seu cuidador.

‘(...) Normalmente, a adaptação da mãe leva ao fracasso adaptativo graduado, que, por sua vez, conduz à função que a família tem de gradualmente introduzir o princípio de realidade à criança. (...) Dessa maneira, existe um aspecto normal no trauma. A mãe está sempre ‘traumatizando’, dentro de um arcabouço de adaptação, e, desse modo, o bebê passa da dependência absoluta para a dependência relativa.’

(Winnicott, 1965, pp.113-114)

O bebê sofre neste encontro com o princípio de realidade, sofre, por exemplo, a ausência de alimento fornecido pelo seio, o que fará com que ele sinta ódio por este objeto. Mas, ao reencontrá-lo, agora enquanto objeto externo e não mais como objeto criado por ele, objeto subjetivo, poderá amá-lo novamente. Em *O problema da afirmação do desprazer* (1926), Ferenczi fala da necessidade de uma ambivalência, “desintrincamento pulsional”, amor e ódio por um mesmo objeto (o seio, por exemplo, no caso do desmame), para que haja o encontro com o objeto externo, para que haja a percepção do objeto fora de sua área onipotente.

‘... às coisas que não estão incondicionalmente à nossa disposição, aquelas de que gostamos porque nos dão satisfação e que detestamos porque não nos obedecem em tudo, criamos para elas marcas particulares em nossa vida psíquica, traços mnêmicos aos quais se liga um caráter de objetividade, e rejubilamo-nos quando as reencontramos em realidade, ou seja, quando podemos amá-las de novo.’

(Ferenczi, 1926, p. 397)

A afirmação acima vai ao encontro da noção de Winnicott sobre o uso do objeto (1969) ao indicar que o bebê ao ser desiludido pelo objeto (subjetivo) sente ódio pelo mesmo e o agride na intenção de destruí-lo (destruição fantasística), e é, então, a sobrevivência do objeto que vai permitir que ele seja amado e usado posteriormente.

O bebê, que antes se encontrava em um estágio de onipotência, se desilude e se frustra ao não ter suas necessidades totalmente satisfeitas. Desta forma, se vê obrigado a fazer uso de certos recursos para obter a satisfação desejada. Como exemplo desses recursos, temos o choro, os movimentos e gestos que indicam seus desejos, entre outros.

Neste processo, o outro começa a aparecer como fazendo parte da realidade externa ao sujeito, não é mais uma criação onipotente do mesmo. Esse encontro com o objeto que está fora de seu controle, que o frustra e que nega sua onipotência, é traumático. É traumático por exigir do sujeito modificações em sua constituição para que se adapte à realidade externa.

“A idéia de trauma envolve uma consideração de fatores externos; em outras palavras, é pertinente à dependência. O trauma é um fracasso relativo à dependência. O trauma é aquilo que rompe a idealização de um objeto pelo ódio do indivíduo, reativo ao fracasso desse objeto em desempenhar sua função.”

(Winnicott, 1965, p.113)

A situação traumática pode ocorrer, então, até mesmo nos primeiros manejos de higiene do adulto no seu bebê, durante o desmame e em todas essas experiências primárias. É o que Ferenczi chama, no texto de 1927, *A adaptação da família à criança*, de “traumas reais”, que dizem respeito à inserção da criança na sociedade. Com essa manipulação que a mãe faz no corpo de seu bebê, essa criança tem sentimentos de prazer e de desprazer que provocam mudanças em seu aparelho psíquico, “desintrincamento pulsional”. Este processo, se não for excessivo, é visto por Ferenczi e também por Winnicott como estruturante, faz parte dos pequenos traumas vividos, situações em que há a afirmação de desprazer no encontro com o princípio de realidade e que fazem parte do processo de desenvolvimento emocional.

Tratando da questão dos pequenos traumas, vemos que tanto Ferenczi quanto Winnicott os consideram inevitáveis e necessários na constituição do sujeito, o que ocorre pelo próprio processo natural de saída do princípio de prazer e entrada no princípio de realidade. Os traumas, por terem como característica o fato de serem excessivos, sempre ocorrem de maneira que o sujeito não possui a capacidade de assimilá-los prontamente, levam a uma dissociação e fragmentação do eu. No entanto, não se tornam nocivos ao desenvolvimento subjetivo, se houver uma condução por tendências pulsionais à reunificação, estando esse processo aliado a um ambiente favorável. Desta forma, vemos ser constituído um psiquismo saudável e assimilado.

Ainda dentro da temática do trauma em sua dimensão estruturante, outro autor que percorre um caminho parecido com o de Sándor Ferenczi e D.

Winnicott é Michael Balint. Balint foi aluno e grande admirador de Ferenczi e, além disso, companheiro de Winnicott. O autor que também prioriza em sua teoria um olhar sobre as relações objetais nos ajuda muito a pensar a questão do trauma e suas conseqüências sobre a estruturação do psiquismo.

De acordo com o que Balint trata em seu livro *A falha básica* (1968), no texto *Amor primário*, o bebê intra-uterinamente vive em uma “mescla harmoniosa interpenetrante”, é um período em que o self e seu entorno estão harmoniosamente “misturados”, não há limites nítidos entre eles. Porém, ao nascer, ocorre uma interferência nesta relação, o bebê se depara com um objeto que já se apresentaria como externo, o não-eu já aparece com seus limites um pouco mais claros. Com isso, o bebê se vê forçado a se adaptar a essa nova situação, a esse novo estado.

Neste sentido, e a partir do que foi tratado anteriormente em relação à Ferenczi e Winnicott, Balint trabalha o processo do nascimento como sendo algo traumático. Para o autor, a característica traumática do nascimento está no fato deste evento exigir do sujeito um esforço psíquico para se adequar a seu novo estado e abandonar um estado harmonioso anterior.

‘O nascimento é um trauma que altera o equilíbrio, pela mudança radical do entorno, forçando – sob uma verdadeira ameaça de morte – a uma nova forma de adaptação, o que dá início, ou pelo menos acelera consideravelmente, a separação entre o indivíduo e seu entorno. Os objetos, inclusive o ego, começam a emergir da mistura de substâncias e da ruptura da harmonia das expansões sem limites. Os objetos possuem – em contraste com as substâncias mais amistosas – contornos nítidos e limites mais claros, que desde então devem ser reconhecidos e respeitados. A libido não mais será um fluxo homogêneo que vai do id para o entorno, sob influência dos objetos emergentes, surgem concentrações e rarefações em seu fluxo.’

(Balint, 1968, p. 61)

É a partir da perturbação entre o indivíduo e o ambiente, e da frustração decorrente disso, que a libido passa a ser investida no ego e não mais no entorno, ambiente original. O sujeito passa a investir libidinalmente em si - mesmo e em seu desenvolvimento psíquico, o que caracteriza de acordo com o autor, o narcisismo secundário (o tema do narcisismo não será trabalhado no presente estudo, talvez em uma elaboração futura).

“Sempre que a relação desenvolvida com uma parte do entorno ou com um objeto estiver em doloroso contraste com a anteriormente não perturbada harmonia, a libido retorna ao ego, que inicia ou acelera se desenvolvimento – talvez em consequência da nova adaptação forçada – em uma tentativa de recuperar a anterior sensação de ‘unidade’ dos primeiros estágios.”

(Balint, 1968, p. 61)

Além de Ferenczi e Winnicott, Balint identifica o trauma também como estruturante e necessário para um desenvolvimento saudável. Em uma visão geral, encontramos nas obras dos três autores fragmentos que talvez nos possibilitem pensar que é preciso que haja uma mobilização psíquica, certa desestabilização no equilíbrio em que se encontra o sujeito, para que ele tenha força e se direcione em favor da vida.

2.2.

O trauma e seus efeitos desestruturantes

O trauma, como dissemos anteriormente, possui também seu potencial desestruturante. Ferenczi, Winnicott e Balint pensam, em suas obras, nos efeitos desestruturantes de uma vivência traumática na constituição do psiquismo. Os três autores concebem o trauma desestruturante como sendo um evento muito excessivo para a maturidade do sujeito e que não pôde ser elaborado. É importante ressaltar aqui que deixaremos as idéias de Balint sobre o tema, o trauma em sua dimensão desestruturante, para o terceiro capítulo desta dissertação.

No texto *Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade* (1949a), Winnicott teoriza sobre o potencial desestruturante do trauma trazendo diferenças entre a experiência do nascimento e o trauma do nascimento. Para o autor, o sujeito já é dotado de uma vida psíquica antes de seu nascimento; sendo assim, as experiências e intrusões vividas neste período ficam armazenadas. Neste sentido, no momento do nascimento, o sujeito já estaria preparado para pequenas reações diante das adversidades apresentadas a ele.

“(...) no processo natural, a experiência do nascimento é um exemplo exagerado de algo que o bebê já conhece. (...) Na saúde o bebê já está preparado antes do parto para certa intrusão ambiental, e já teve experiência de um retorno natural da reação a um estado em que não é preciso reagir, sendo este último o único estado em que o eu pode começar a ser.”

(Winnicott, 1949a, p. 264)

Neste sentido, Winnicott aborda a experiência do nascimento como algo não traumático. “O nascimento propriamente dito, num parto normal, poderia ser facilmente sentido pelo bebê como resultado bem-sucedido do esforço pessoal devido a um timing razoavelmente acurado.” (Winnicott, 1949a, p. 268). As experiências do nascimento podem ser vistas como sendo boas e teriam a capacidade de promover o fortalecimento do ego e a estabilidade. Sendo assim, as perturbações ambientais até certo grau constituem um estímulo valioso.

No entanto, sendo essa experiência excessiva, ou seja, se ultrapassar o limite ao qual o sujeito está preparado para suportar, ela se constitui como um trauma do nascimento. Para além de certo limite, as perturbações são contraproducentes uma vez que exigem grandes reações, adaptações do sujeito ao ambiente. Essas reações exigidas podem provocar uma perda na identidade do sujeito já que ainda não há força suficiente do ego. Vemos, então, de acordo com Winnicott, um trauma que se caracteriza pela necessidade de reagir.

Desta forma, contrariamente ao que uma experiência normal traz de benefício para o sujeito, o parto demorado pode produzir um efeito de desamparo e interferir no “continuar a ser” pessoal. Um parto prolongado ultrapassa qualquer experiência vivida intra-uterinamente de intrusão provocadora de reações.

“Isto provoca um sentimento extremo de insegurança, e situa-se na base da expectativa de novos exemplos de perda de continuidade do ser, e mesmo de uma desesperança congênita (embora não herdada) quanto à possibilidade de alcançar uma vida pessoal.”

(Winnicott, 1949a, p. 265)

Diante disto, vimos que para Winnicott “a integração da psique imatura na época do nascimento pode ser fortalecida pelas experiências, mesmo que se trate de uma reação à intrusão, desde que esta não dure tempo demais.” (Winnicott, 1949a, pp. 275-276). A partir disto, acreditamos que se possa tratar o que Winnicott traz sobre as experiências do nascimento como um trauma estruturante. Por outro lado, a exigência de uma reação excessiva, interrompendo o curso natural do “continuar a ser”, pode significar um trauma com consequências desestruturantes para a constituição subjetiva e estruturação egóica.

Ferenczi indica que o trauma desestruturante surge como algo excessivo que não pôde ser elaborado. No entanto, para que haja o êxito na instauração do trauma, um processo específico é vivenciado. Para o autor, há uma sequência traumática, há certos componentes importantes para que se caracterize um trauma como estruturante ou desestruturante. O evento traumático em si não se constitui enquanto desestruturante. Como veremos, há um ingrediente fundamental, o desmentido, que vai fazer com que ele seja desestruturante para o sujeito.

O autor retoma a questão da sedução freudiana, porém, diferentemente do que Freud pensava na época em que escreveu sobre a teoria da sedução, 1895, Ferenczi irá dirigir seu olhar para os afetos envolvidos. O trauma é concebido como afetivo, como uma falha na relação afetiva. Para Ferenczi, então, o processo traumático envolve o ambiente, não sendo uma luta estritamente pulsional.

A situação traumática depende de um terreno favorável, em que encontraríamos uma relação de confiança. Haveria antes do choque traumático um “sentimento de estar seguro de si, no qual, em consequência dos eventos, a pessoa sentiu-se decepcionada; antes tinha excesso de confiança em si e no mundo circundante; depois, muito pouca ou nenhuma. Subestimou a sua própria força e viveu na louca ilusão de que tal coisa não podia acontecer; ‘não a mim’.” (Ferenczi, 1931, p. 109).

Neste campo potencialmente favorável à situação de choque, traumática, haveria uma pessoa em situação de poder, futuro agressor, se relacionando com outra que se encontraria em posição de submissão e fragilidade. Nessa relação prévia, teria como base a confiança e a ternura.

“As seduções incestuosas produzem-se habitualmente assim: um adulto e uma criança amam-se; a criança tem fantasias lúdicas, como desempenhar um papel maternal em relação ao adulto. O jogo pode assumir uma forma erótica, mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura.”

(Ferenczi, 1933, p. 101)

Contrariamente ao que Freud teorizou na concepção de sedução, na qual a criança vivia passivamente o trauma, para Ferenczi, o agredido tem uma participação ativa na situação de agressão. A criança busca, se aproximando do adulto, movido pela libido terna (genitalidade precoce), por um desejo terno, a

satisfação na relação. Porém, o adulto interpreta essa busca como libido passional adulta, tentativa de satisfação orgástica.

Em um dos textos mais importantes sobre a questão do trauma, *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1933), Ferenczi aborda a falha na relação como uma confusão entre a linguagem da ternura da criança e a linguagem passional do adulto, que é precedida e dependente desta relação de confiança.

Podemos ver, já no texto *A adaptação da família à criança* (1927), que Ferenczi trabalha a confusão no entendimento entre os adultos e a criança, quando aponta a falta de habilidade que os pais têm ao tratar do auto-erotismo infantil. Algo que para a criança é muito claro, é negado pelos pais. A criança sabe de suas sensações eróticas em seus órgãos genitais e que, mediante certas atividades, consegue apaziguar essas sensações. No entanto, se sente culpada por ter essas sensações, uma vez que são recriminadas por seus pais tão amados e idealizados por ela. Dessa forma, ocorre a perda da confiança da criança nos pais.

‘Enquanto a função erótica, ou voluptuosa, não é reconhecida, existirá sempre um abismo entre os pais e seu filho pequeno, e aos olhos deste, eles continuarão sendo um ideal inacessível; (...) Quanto à criança, sente-se reprovada por causa de suas sensações e acredita que os adultos são, a esse respeito, puros e imaculados. (...) esperamos uma confiança cega e o desprezo por suas experiências físicas e psíquicas. Uma das maiores dificuldades encontradas pela criança surge mais tarde, quando se apercebe de que todo o seu elevado idealismo não corresponde à realidade; foi ludibriada e não acredita mais em autoridade nenhuma.’

(Ferenczi, 1927, p. 9)

Para o autor, havendo um excesso ou a falha na relação entra em ação um mecanismo defensivo do agredido, a introjeção do agressor. A criança que se encontrava em uma relação de confiança com o adulto se encontra agora desamparada, e seu psiquismo lança mão, defensivamente, desse processo de introjeção. O trauma é desestruturante quando não houve a elaboração do evento traumático por parte do aparelho psíquico, desta forma sua única opção foi a de introjetá-lo.

Criador do conceito de introjeção, Ferenczi vai utilizá-lo como base e recorrerá a ele em toda a sua obra. É importante para a continuação deste capítulo e para que haja um bom entendimento do conceito de introjeção do agressor, que se explique aqui um pouco da leitura do autor sobre este tema.

Ferenczi aborda pela primeira vez o tema da introjeção em seu texto de 1909, *Transferência e introjeção*, neste momento ele o conceitua como um mecanismo econômico-dinâmico à serviço da evitação de desprazer. O eu busca objetos na tentativa de afastar o desprazer. No entanto, em 1926, Ferenczi começa a observar o processo de introjeção de objetos maus e assim, vai ampliando seu conceito reconhecendo sua importância na constituição do eu e, como um processo dinâmico e interminável, será determinante na relação e no investimento que o indivíduo fará libidinalmente nos objetos (Avello, 2006).

“... na adaptação ao meio ambiente real, seja ela orgânica ou psíquica, certas partes do mundo exterior hostil são incluídas no ego com a ajuda de Eros, enquanto que, por outro lado, há a renúncia a partes amadas do ego.”

(Ferenczi, 1926, p. 401)

Admitindo a introjeção de objetos maus pelo sujeito, Ferenczi reconhece este como um dos processos da sequência traumática. Como dissemos, o agredido, após a situação traumática, se utiliza, defensivamente, do mecanismo de introjeção do agressor. Mas Ferenczi não pensará na introjeção de objetos maus como um retorno ao inanimado, ou como um masoquismo primário, ele irá privilegiar uma visão em que a evitação do desprazer permanece.

Quando trata da afirmação do desprazer, o autor nos mostra que um reconhecimento de um desprazer é menos doloroso que sua não aceitação, e que o sujeito está sempre na busca de uma redução do desprazer ou algum tipo de prazer, ainda que mínimo. Nesse sentido, talvez possamos dizer que, para o agredido, a introjeção da agressão como sendo sua, fazendo parte de sua personalidade, é menos desagradável que admitir pais agressivos.

‘Se o reconhecimento do meio ambiente hostil representa um desprazer, o seu não-reconhecimento comporta geralmente ainda mais desprazer; o menos desagradável torna-se, portanto, relativamente agradável e pode ser afirmado como tal. Somente tomando em consideração a compensação e a evitação de um desprazer ainda maior é que poderemos compreender em geral a possibilidade de uma afirmação do desprazer sem que por isso sejamos obrigados a renunciar à concepção da busca de prazer como tendência fundamental de todo psiquismo.’

(Ferenczi, 1926, p. 396)

A introjeção do agressor é um mecanismo defensivo e será utilizado em favor da evitação de desprazer, as pulsões de conciliação entrarão em ação neste

momento na tentativa conciliar-se com o agressor fazendo com que ele desapareça ou se torne intrapsíquico. O medo alcança uma intensidade tão grande que o sujeito se identifica ao agressor com o objetivo de manter o vínculo com o adulto e não perder completamente a confiança e a ternura que existiam antes na relação.

As pulsões de conciliação vão tentar afastar a dor através de mimetismo, mecanismo autoplástico. A criança, através de uma maleabilidade de seu psiquismo, entra em um estado de dissolução de sua personalidade, uma modificação da própria substância do indivíduo. O sujeito confunde-se com a pessoa identificada, e durante as agressões, toma para si o desejo de agredir, ele não é mais agredido, mas é ele quem agride. Desta forma, nos deparamos com um sujeito constituído por identificações superegóicas no lugar de sua própria vida, constituído por um supereu não assimilado.

De acordo com Avello, quando Ferenczi discorre sobre o agressor, ele acredita que há satisfação de prazer. Tanto no amor passional, quando há um investimento libidinal excessivo para o agredido, quanto nos castigos passionais, onde o sadismo do agressor entra em ação, há uma satisfação. O autor aponta que por parte do agressor há projeção de conteúdos psíquicos dispensadores de desprazer e provocadores de dor sobre o agredido.

Mas Ferenczi, quando pensa no agressor, coloca também que há por parte do mesmo uma introjeção do agredido. O agressor busca a paz e a ternura que se encontra no agredido. Ao projetar desprazer na criança, o adulto ocupa este espaço introjetando o estado de bem-estar que foi colocado para fora da vítima. Podemos, aqui, pensar nessa busca por este estado de bem-estar como partindo da criança traumatizada que vive dentro do adulto e que não pôde elaborar seu trauma passado.

A partir deste mecanismo de projeção e introjeção, podemos ver como o agredido, que se identificou com o agressor, se utiliza dos mesmos mecanismos. O adulto que bate o faz por ter sua criança interna identificada com seu agressor e vive na constante busca por um estado de ternura, de vida e confiança anterior. A equação na literatura ferencziana se dá, então, da seguinte forma, “crianças que apanham serão adultos que apanham”, esse adulto vive com sua criança interna que sofre e apanha até aquele momento (Avello, 2006).

Essa criança traumatizada que vive no adulto teve, provavelmente, seu processo traumático completado por um desmentido de seu agressor e dessa forma não pôde elaborar a situação vivida. O desmentido é o que, para Ferenczi, será decisivo para que uma situação tenha seu êxito enquanto trauma. Em sua teoria, Ferenczi considera que faz parte do processo de constituição do psiquismo a vivência de pequenos traumas, que surgem do encontro com o princípio de realidade. No entanto, para que se defina se estes traumas tiveram função estruturante ou não, deve-se considerar a intensidade que tiveram e a ajuda que o ambiente forneceu para que o ocorrido fosse elaborado. Se o ambiente responsável pelo trauma desmente o fator traumático da situação negando-o, não lhe dando a devida importância, ele impede que o traumatizado passe por um processo de elaboração do mesmo. A percepção da criança sobre o ocorrido é fiel ao fato, não é uma fantasia, no entanto se depara com um discurso oposto à sua percepção, discurso que parte das pessoas por quem essa criança mais tem amor, fazendo com que ela se adapte e assuma para si a nova versão sobre o que aconteceu. A confiança que havia previamente na relação é, então, quebrada e o trauma se efetiva.

Assim, impossibilitado de elaborar o ocorrido, a única opção que resta ao agredido, para que se mantenha algum vínculo, é fazer seu este desmentido, tomando para si a culpa da situação traumática. Desta maneira, o processo traumático teria seu êxito. “A personalidade pré-traumática resultante da agressão, já afetada pela identificação ansiosa ao agressor, passa a ser definitivamente traumática quando opera sobre ela o desmentido.” (Avello, 2006, p.162). Por outro lado, se o ambiente tivesse colaborado e respeitado a precocidade da criança, reconhecendo sua descarga agressiva, a elaboração seria estimulada.

Tivemos a possibilidade de observar que para Ferenczi e Winnicott o trauma em sua dimensão desestruturante causa cisão do ego, e esta cisão terá conseqüências na constituição subjetiva do sujeito. Os dois autores, além de Michael Balint, abordam em suas teorias tipos de personalidades que poderiam ser desenvolvidas para proteger o eu do sujeito. A partir da vivência traumática, surgem características psíquicas que visam proteger o eu de um desmoronamento radical. Como exemplo, podemos citar a maturidade precoce teorizada por

Ferenczi, a intelectualização pensada por Winnicott e a relação filobática de Balint. Este tema será desenvolvido em nosso terceiro capítulo.